

TRAGÉDIA

Senado vai ouvir presidente da Petrobrás amanhã

Otávio Magalhães/AE - 20/3/2001

Líder do governo na Casa diz que empresa "não tem nada a esconder"

CHICO ARAÚJO
e PAULO CABRAL

A Comissão de Infra-Estrutura do Senado vai ouvir amanhã, em Brasília, o presidente da Petrobrás, Henri Philippe Reichstul, sobre as explosões na plataforma P-36, ocorridas no dia 15, na Bacia de Campos que causaram a morte de 11 trabalhadores. O líder do governo no Senado, senador José Roberto Arruda (PS-DB-DF), garantiu ontem que o governo está empenhado em "esclarecer o mais rápido possível" o acidente. "A Petrobrás não tem nada a esconder", disse Arruda. A audiência será amanhã no plenário do Senado. Reichstul, que passou o fim de semana em São Paulo, recusou-se a comentar o caso ontem. Informou, pelo interfone de sua casa, que só se pronunciará hoje.

Além de Reichstul, os senadores deverão ouvir ainda os presidentes da Agência Nacional de Petróleo (ANP), David Zylberstajn, da Associação dos Engenheiros da Petrobrás, Fernando Siqueira, e o diretor da Federação Única dos Petroleiros, Maurício França Rubem.

Arruda lembrou, ainda, que a diretoria da Petrobrás já determinou uma investigação criteriosa do ocorrido. Até ontem, porém, a direção da empresa não lhe tinha passado dados sobre a apuração do acidente.

Polícia – Em Macaé, o delegado Antônio Carlos Carvalho, da Polícia Civil, toma amanhã o depoimento do gerente-geral da Petrobrás na Bacia de Cam-



Henri Reichstul terá de explicar por que não sabia dos boletins

PRESIDENTE
DA ANP
TAMBÉM SERÁ
OUVIDO

pos, Carlos Eduardo Bellot. Além de falar sobre a operação e a estrutura da plataforma, Bellot terá de explicar ao delegado o procedimento adotado em relação aos boletins de produção.

Bellot é acusado de, depois do acidente, ocultar os documentos que apontavam defeitos na plataforma. A Petrobrás, porém, entendeu que não houve irregularidade nesse procedimento. O gerente terá de infor-

mar se tinha o conhecimento de outros problemas na P-36.

Carvalho já recebeu da Petrobrás um relatório com a sequência do ocorrido – da explosão ao naufrágio da plataforma. Na quarta-feira, o delegado tomará o depoimento do presidente do Sindpetro do Norte Fluminense, Fernando Carvalho. Também será ouvido esta semana o gerente-geral da P-36 em terra, Claronildo Covas dos Santos.

Especialista – Uma das primeiras tarefas da comissão da Petrobrás que investiga o acidente com a P-36 deverá ser o

estudo das plantas da plataforma com o objetivo de averiguar se o tanque de armazenamento de gases ficava, de fato, na coluna da embarcação. "Se isso for comprovado, é um erro gravíssimo de projeto", afirmou ontem o diretor da Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe), o engenheiro Segen Estefen, especialista em plataformas.

Confinamento – Estefen explicou que um tanque de gás jamais pode ficar em um local sem ventilação. "A recomendação é que locais de armazenamento de gases fiquem sempre em áreas ventiladas, não em locais confinados", explicou.

O presidente do Sindpetro do Norte Fluminense, Fernando Carvalho, concorda com a avaliação do engenheiro. "Um tanque que pode gerar gás teria de ficar sobre o convés da plataforma para que, em caso de vazamento, o gás se dissipasse", disse. Para Carvalho, caso esse suposto tanque estivesse ao ar livre, uma explosão poderia acontecer, mas teria consequências e proporções menores.

"As 11 pessoas poderiam ter morrido, mas a plataforma não teria afundado", avaliou Estefen. No caso da P-36, o problema seria agravado pelo fato de o local escolhido, além de não ter ventilação, ser uma coluna de sustentação da plataforma. "Não se põe dentro de uma coluna algo que explode."

Outro ponto a ser investigado pela comissão, na avaliação de Estefen, é determinar por que a plataforma não tinha reserva de flutuação – ou seja, não manteve um certo equilíbrio depois da explosão. "Os projetos devem prever estabilidade em momentos de avaria para que as embarcações possam ser rebocadas e consertadas", explicou. "Os compartimentos devem ser estanques; alguns podem ser invadidos pela água, mas não todos." (Colaboraram Cristina Charão e Roberta Jansen)